

Cas Mudde: “O termo populismo não é apenas um eufemismo. Falta-lhe clareza e temos termos melhores para descrever o mesmo fenômeno”

Cas Mudde: “Populism is not only euphemism; it lacks clarity and we have better terms to describe the same”

Cas Mudde: “El populismo no es solo un eufemismo, carece de claridad y tenemos términos mejores para describir lo mismo”

Liriam SPONHOLZ¹
Özgür ÖZVATAN²

Resumo

Nesta entrevista, Cas Mudde, um dos cientistas políticos mais influentes dos Estados Unidos e uma referência internacional como pesquisador de populismo e extremismo de direita, critica o conceito de populismo e destaca por que seu trabalho atual está centrado no conceito de ultradireita. Mudde também compara a ultradireita no Sul Global e no Norte Global, e explica o que entende por *mainstreaming* e normalização. Por fim, o cientista político alerta para as ameaças à democracia liberal.

Palavras-chave: Populismo; Extremismo de Direita; Ultradireita; Normalização; *Mainstreaming*.

Abstract

In this interview, Cas Mudde, one of the most influential political scientists in the United States and an international reference in the study of populism and right-wing extremism, criticizes the concept of populism and emphasizes why his current work is focused on the concept of far-right. Mudde also compares the far-right in the Global South and the Global North and explains what he understands by mainstreaming and

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade de Leipzig e Livre-docente (*Habilitation*) pela Alpen-Adria-Universität Klagenfurt - Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - liriam.sponholz@unb.br – ORCID: 0000-0001-7875-4273

² Doutor em Ciências Sociais pela Humboldt-Universität Berlin – Faculdade de Ciências Sociais e Instituto Berlinense de Pesquisa Empírica em Migração e Integração (BIM), Humboldt Universität Berlin – oezguer.oezvatan@hu-berlin.de – ORCID: 0000-0001-5148-3004



normalization. Finally, the political scientist warns about the threats to liberal democracy.

Keywords: Populism; Right-wing Extremism; Far Right; Normalization; Mainstreaming.

Resumen

En esta entrevista, Cas Mudde, uno de los científicos políticos más influyentes de los Estados Unidos y una referencia internacional en el estudio del populismo y el extremismo de derecha, critica el concepto de populismo y enfatiza por qué su trabajo actual se centra en el concepto de ultraderecha. Mudde también compara la ultraderecha en el Sur Global y en el Norte Global, y explica lo que entiende por mainstreaming y normalización. Finalmente, el científico político advierte sobre las amenazas a la democracia liberal.

Palabras clave: Populismo; Extremismo de Derecha; Ultraderecha; Normalización; Mainstreaming.

Apresentação

Cas Mudde é um dos cientistas políticos mais influentes dos Estados Unidos e uma referência internacional como pesquisador de populismo e extremismo de direita. Em uma tarde calorosa de junho de 2023 em Berlim, durante a sua turnê pela Europa, o professor da Universidade da Geórgia (Estados Unidos), conversou com os professores e pesquisadores Liriam Sponholz (Universidade de Brasília e Centro Alemão de Pesquisa em Integração e Migração, DeZIM-Institut) e Özgür Özvatan (Humboldt Universität Berlin) sobre populismo, ultradireita e democracia.

L. SPONHOLZ: *Caro Cas, muito obrigada pelo seu tempo. Você é um pesquisador da Europa Ocidental que mora e trabalha nos Estados Unidos. Onde você vê semelhanças e diferenças entre a ultradireita na Europa Ocidental e nos Estados Unidos?*

C. MUDDE: Bem, em primeiro lugar, ideologicamente e por definição, a ultradireita compartilha o mesmo núcleo. Na América do Norte e na Europa, o núcleo é nativismo, é autoritarismo e, para a maior parte da ultradireita mais relevante, é o populismo. Existem também algumas semelhanças no sentido de que, cada vez mais na Europa, a direita radical é, em parte, o movimento conservador radicalizado, assim como no caso



do Partido Republicano nos EUA. O que nós não temos nos Estados Unidos são partidos como o Reunião Nacional (na França) ou o Partido Austríaco da Liberdade, que sempre foram radicais de direita. É também em parte porque, tradicionalmente, a ultradireita, bem como o populismo, são mais de base, mais *bottom-up* nos Estados Unidos, enquanto na Europa é mais *top-down*. Mas, novamente, isso se deve em parte ao sistema político. Talvez a maior diferença seja ideológica, porque a ultradireita nos EUA é tradicionalmente anti-Estado, o estado federal mais do que os subnacionais. Eles tendem a ser mais pró-mercado. Mas isso está mudando, sob Trump e agora em particular sob DeSantis, que usa o Estado de modo similar como a direita radical faz aqui também na Europa. Havia aspectos de nacionalismo econômico mais na retórica do que nas políticas de Trump.

L. SPONHOLZ: *Vamos falar um pouco mais sobre o populismo, tema ao qual você dedicou a maior parte da sua carreira acadêmica. O termo populismo teve uma carreira tão bem sucedida que os estudiosos falam hoje em dia sobre o “hype do populismo”. O populismo tem sido usado de maneira inflacionária de modo que agora pode se referir a temas não políticos, como “populismo alimentar” ou “populismo musical”. À luz desta evolução, qual é o sentido de falar de populismo hoje?*

C. MUDDE: Primeiro, quero dizer que não sou um estudioso do populismo, sou um estudioso de ultradireita. Eu me vejo mais como um estudioso de partidos. Não trabalho muito com populismo neste momento, porque penso que, na verdade, a maioria dos nossos debates não é sobre populismo, é especificamente sobre a direita radical populista. Há uma pequena minoria dos estudos que usa o termo populismo atualmente, incluindo populismo de direita e de esquerda. Isso não dizer que não ache que o populismo contribua para o debate, mas se falamos de Bolsonaro, Trump, Modi e Le Pen, estamos falando de um subtipo do populismo. Para estes atores, o populismo é uma característica secundária, e o nativismo e o autoritarismo são cada vez mais primários.

Sim, há um “*hype* do populismo”. Tornou-se a palavra da moda depois de 2015, particularmente depois de 2016. Acho que em parte porque era um eufemismo. Quando você descreve pessoas sem poder, você pode chamá-las do que quiser. Assim, nas décadas de 1980 e 1990, você poderia chamar a ultradireita de fascista e você não



teria que aguentar o peso disso. Agora estamos falando de pessoas altamente conectadas. Principalmente nos EUA, é preciso ter cuidado. Você pode ser processado. Populismo, especialmente nos Estados Unidos, tem uma conotação parcialmente positiva, e por isso usamos “populismo”.

Este não é o único motivo. Comecei a trabalhar e a usar o populismo como consequência da Grande Recessão, quando tínhamos movimentos populistas de esquerda, como o Syriza e o Podemos, que tinham semelhanças até um certo nível com o populismo de direita. Fiquei interessado em olhar para isso, olhar para os que desafiavam o *establishment*, e o termo “direita” não descreve esses grupos. Entretanto, anos depois, ambos os grupos tornaram-se bastante marginais: o Podemos não era mais populista e o Syriza também se tornou meio que moderado.

Então, nesse momento, podemos começar a falar sobre a direita radical. Mas mantivemos o termo populismo, em parte porque esse era o termo da mídia, era o termo que estava em alta, devo dizer. Se você tiver populismo no título do seu manuscrito, eles irão publicá-lo. Há um livro de Aurelien Mondon e Aaron Winter, que é muito crítico com o termo populismo e tem “populista” no título. Isso certamente vende. Os editores querem populismo no texto. Não pertencço aos que dizem que devemos abolir o (termo) populismo. Penso que o populismo pode contribuir para a nossa compreensão do que está acontecendo hoje. Também acho que é secundário em relação aos outros termos.

Ö. ÖZVATAN: *Há dez anos, você publicou um artigo juntamente com (Cristóbal Robera) Kaltwasser em “Government & Opposition” e um segundo artigo onde também falava sobre populismo inclusivo e excludente. Eu sei que é uma característica secundária, mas você acha que existe uma oportunidade de usá-la como um espaço no continuum político? O populismo inclusivo e excludente como característica? Neste sentido, apenas os partidos políticos de esquerda conseguem ser populistas inclusivos e os partidos de direita, populistas excludentes? Você acha que existe essa associação entre ser um partido de esquerda e populista inclusivo e vice-versa?*

C. MUDDE: O que argumentamos, na verdade, segue uma distinção feita por Dani Filc em seu trabalho sobre o populismo em Israel. O nosso argumento é que todo populismo tem elementos inclusivos e excludentes.



A literatura e o debate público centram-se exclusivamente em elementos excludentes do, digamos, populismo de direita, e, particularmente, a literatura mais de esquerda e o debate público focam exclusivamente nos elementos inclusivos do populismo de esquerda. Nós, então, olhamos para isso em relação a certas coisas, mas a conclusão é que tanto o populismo de direita quanto o de esquerda têm ambos os elementos. Porém, a direita populista enfatiza mais os elementos excludentes e a esquerda enfatiza mais os inclusivos. Mas a esquerda ainda exclui. É por isso que o populismo de esquerda também é problemático para a democracia liberal.

Porém, também é importante, se você quiser entender a direita radical populista, não fazer uma caricatura negativa deles. Sim, eles explodem e isso é importante para o apelo deles. Mas eles também incluem um grupo que se sente excluído, não importa se eles sejam ou não excluídos, certo? Esse grupo é majoritariamente da classe trabalhadora branca, mas essa é uma parte muito importante para o apelo deles. Se eles não tivessem isso, não seriam tão importantes. Então o nosso argumento era, de certa forma, de que nada é totalmente preto ou totalmente branco, mas também não tem a mesma forma de cinza. O populismo de esquerda está mais centrado na inclusão e o populismo de direita está mais centrado na exclusão, mas ambos excluem e ambos incluem.

Ö. ÖZVATAN: *E a exclusão da direita é mais baseada ou enraizada no nativismo.*

C. MUDDE: Sim, até certo ponto. A esquerda está mais enraizada no que chamamos de “*host ideology*”. O que é o nativismo para a direita radical populista, é o socialismo para a esquerda. É aqui que está a exclusão. Ela se baseia mais em argumentos socioeconômicos.

L. SPONHOLZ: *Esta questão nos leva ao próximo tópico. Você falou sobre o trabalho de Aurelien Mondon e Aaron Winter. Um dos argumentos deles é exatamente que a palavra “populismo” ou o conceito de populismo poderia fazer com que as pessoas minimizassem e subestimassem os danos causados pela ultradireita. Até mesmo os populistas de direita podem considerar o termo populista um elogio. Você poderia, até de alguma forma, apoiar a teoria da ferradura, segundo a qual o populismo de esquerda é tão ruim quanto o populismo de direita. Este é o primeiro ponto. O segundo ponto que eles defendem é que o populismo tem sido usado para*



substituir termos mais adequados, como racismo ou xenofobia. O que você acha desta equivalência de falsa equivalência?

C. MUDDE: Concordo com esse argumento. Quer dizer, em 2007, quando escrevi o meu livro, “Partidos Populistas de Direita Radical na Europa” (*Populist Radical Right Parties in Europe*), eu dediquei um capítulo e o final às definições. Então eu tinha “nativismo”, “autoritarismo” e “populismo”, e escolhi o termo que era usado naquele momento. Pessoas como Hans-Georg Betz, falavam sobre populismo radical de direita, eu fiz disso “direita populista radical”, porque, para mim, nativismo é o cerne. Populismo, para mim, é um adjetivo, um qualificador de nativismo, e por isso concordo. Essa, aliás, foi a principal razão pela qual escrevi “A ultradireita hoje” (*The far right today*): para trazer a atenção de volta ao cerne, que é o nativismo, o qual eles chamam de racismo. Sou solidário com alguns dos argumentos. Acho que, de uma forma positivista, é mais difícil provar o racismo do que o nativismo. Também não tenho certeza da importância prática da distinção, mas concordo com esse argumento.

Penso, porém, que qualquer termo pode ser adotado e alterado. Eu me lembro que era a década de 1980 ou algo assim. O líder do Vlaams Belang, naquela época, era um senhor que disse: “Se racismo significa que você ama sua própria nação, então eu sou racista, certo?”. E isso é quase idêntico ao que dizem os populistas: “Se populismo significa que respeito a vontade do povo, então sim, sou um populista”. Isso sempre aconteceu, é como se as pessoas sempre redefinissem o termo e depois dissessem “sim, com certeza, eu sou isso”.

Pessoalmente, como acadêmico, eu não acho que nós devemos considerar isso. Acho que as palavras importam para o nosso trabalho. Por mais irrelevante que pareçam, podem afetar as coisas. Devemos pensar sobre isso, se trouxer mais clareza acadêmica. Isso pode ser instrumentalizado pela política, mas ainda acho que você tem que fazê-lo. Contudo, você deveria refletir. Como eu disse, meu problema com o populismo não é apenas o fato de ser um eufemismo, é que, também, antes de mais nada, lhe falta clareza e temos termos melhores para descrever o mesmo fenômeno.

L. SPONHOLZ: *Você falou sobre o nativismo, que é o cerne da ultradireita ou do populismo de direita. Você também falou ontem na sua apresentação que esse fenômeno, a ultradireita, não é só uma questão do Norte Global, que você também encontra isso no Sul Global. Vimos isso no Brasil. Tivemos as nossas próprias “Capitol*



Riots” no dia 8 de janeiro de 2023, quando uma multidão de seguidores de Bolsonaro invadiu e danificou edifícios governamentais em Brasília. No entanto, os acadêmicos brasileiros também têm observado repetidamente características particulares da ultradireita no seu país. Por exemplo, em vez do nativismo ou da islamofobia, o inimigo é definido como “a esquerda” e “o comunismo”. De forma diferente da sua homóloga na Europa Ocidental, a ultradireita no Brasil depende fortemente das alianças cristãs com o conservadorismo moral e da nostalgia da ditadura militar. O que lhe vem à cabeça espontaneamente sobre isso como europeu ocidental e como professor estadunidense? Que características especiais se destacam para você quando compara a ultradireita do Norte Global com a do Sul Global?

C. MUDDE: Bom, isso é um pouco difícil, porque o termo ultradireita descreve um fenômeno que tem existido em várias regiões ao redor do mundo, mas denominado com outros termos. O conceito de ultradireita é relativamente novo na América Latina, embora muito desse fenômeno já exista há décadas e era descrito antes, por exemplo, como “de direita”, “autoritário”.

Ao mesmo tempo, quando você fala sobre nativismo, um dos meus argumentos tem sido que nativismo e racismo não são uma exclusividade de brancos. Nós vemos, por exemplo, pogroms contra imigrantes nigerianos na África do Sul, partindo não de sul-africanos brancos, mas sim pretos. Nós temos hindus contra muçulmanos na Índia.

Não se trata de desculpar os brancos ou dizer que não há uma história colonial por trás disso. Mas, embora este seja um conceito gerado no Norte Global, isso não significa que não acontece no Sul Global. Acontece por outras razões, certo? Isso sempre é importante para mim. Quando escrevi o livro, eu deveria ter colocado isso de forma mais explícita no começo. A polêmica conceitual é sempre que eu uso “ultradireita” pelas lentes do nativismo. Isso significa que se você pensa de um modo diferente, esta é uma direita contrária à democracia liberal. Há uma série de atores de direita e contrários à democracia liberal que não são primeiramente nativistas. Putin, Erdogan, Duerte, eu diria, são exemplos disso.

Agora, a América Latina é diferente. Sim, nativismo não é tão central, mas não está ausente e eu penso que tem um grande papel. Ambos Bolsonaro e José Antonio Kast trabalham de maneiras diferentes com isso. Bolsonaro falou sobre refugiados, imigrantes da Venezuela, já Kast, sobre Venezuela e Haiti. Bolsonaro tem uma longa lista de declarações racistas contra afro-brasileiros e fala implicitamente, em muitos



dos seus discursos, do povo verdadeiro como os “brasileiros íntegros”. Há um elemento racial nisto. Igualmente, Kast está alvejando a população indígena, da qual há parcialmente uma revolta, e o nativismo desempenha um papel pelo menos implícito nisto. Mas, ainda que este seja o caso, o nativismo não é tão central quanto é para a América do Norte ou a Europa.

Mas isso não é sobre Norte Global e Sul Global. Nativismo é, por exemplo, essencial para os Hindutva na Índia, bem como a islamofobia. Eu penso que a América Latina é só um pouco diferente, e o nativismo, seja pela razão que for, no momento não é central. O anticomunismo é, de fato, muito central, assim como o antisocialismo. Na América do Norte, também é e está crescendo agora na Europa: marxismo, marxismo cultural, *wokeness* é uma espécie de conceito integral.

Claro que a conexão religiosa não é exclusiva do Sul Global. Primeiro de tudo, os Estados Unidos, mas também a Polônia, têm laços estreitos com a Igreja Católica, até um certo ponto a Itália também. No momento, há uma reação contra o eurocentrismo nos estudos sobre a ultradireita, e acho que é merecida. Eu só acho que algumas das críticas exageram na singularidade do Sul. É verdade que as ciências sociais em geral são muito eurocêntricas e eu incluo a América do Norte nisto, porque esta é uma parte específica dela, é a sua parte europeia. Mas até certo ponto, a Europa Oriental e o Sul da Europa também são colonizados. O estudo da Europa Central Oriental também é feito por meio de conceitos e teorias da Europa Ocidental. Neste sentido, não é muito uma questão regional e sim de poder.

Mas dou boas-vindas a esses desenvolvimentos. Eu só fico sempre um pouco cético sobre pessoas reinventando a roda. Pessoalmente, eu sempre olho primeiro o que há lá fora e o quão longe eu posso ir, sem fechar os olhos aos limites disto. Sim, eu penso que a ultradireita na América Latina é diferente de alguns modos, mas também tem muitos elementos da ultradireita da América do Norte, alguns elementos da ultradireita da Europa e alguns outros aspectos que são singulares, sejam na região ou no país, porque Bolsonaro e Kast são fenômenos completamente diferentes. Ambos são da ultradireita, ambos têm um amor pela ditadura militar. Mas Kast é uma figura absolutamente “*establishment*”, um político de nascença, enquanto Bolsonaro é mais um tipo político relutante, um tipo *trompista*, *outsider*.

Ö. ÖZVATAN: *Nós estávamos falando sobre a centralidade do conceito de nativismo. Essa é uma discussão, no contexto da ultradireita, ligada a política*



nacional e as identidades nacionais dentro do contêiner nacional, de maneira que, para muitos, nativismo está estritamente ligado ao nativismo nacional ou nativismo étnico-nacional. Você poderia falar em termos conceituais sobre a diferença entre etnonacionalismo e nativismo? Ou se há outros contêiners, subnacionais ou supranacionais, para o nativismo que nós podemos observar na ultradireita?

C. MUDDE: Tecnicamente, nativismo é sobre a nação. A nação não precisa necessariamente se confundir com o Estado. Algumas nações são subnacionais, como os Flandres. Outras são supranacionais, como os húngaros, que o acordo com eles cruza quatro Estados. Você pode ter nativismo europeu, como quando você pensa sobre você mesmo e a nação europeia.

Na realidade, quando eu penso sobre a América, isso é muito interessante. Há uma longa tradição de Americanismo ou como o Pan- ou Latinoamericanismo, que vê a América Latina como nação, o que pode ter posições xenófobas contra outros grupos. Isto depende de como você define o latino-americano. Você pode fazer isso do ponto de vista indígena ou europeu.

Neste sentido, deixando de lado o cosmopolitismo, contanto que você possa achar um *outgroup*, não importa a que nível isso ocorra. Toda nação é inventada, certo? Eu quero dizer que toda nação é imaginada. Eu penso que isso é importante, porque às vezes as pessoas falam de nacionalismo de Flandres porque eles não têm um Estado, mas isso não importa.

A nação como tal tem sido sempre criada. Nós vimos isto com a *Lega Nord* em tempo real. Eles imaginaram o país e a nação Padania, e todos pensaram “oh, isso é ridículo”, certo? Mas, na verdade, foi assim que as pessoas chegaram com (a ideia de) uma nação de Flandres e com todo tipo de nação alemã.

Para mim, conceitos como nação ou raça ou quase toda classe de identidade maior tem em parte um cerne real, mas o resto é imaginado e deslocado. Quem é holandês? Quem é alemão? Isso muda o tempo todo. Mas nós sabemos que não importa se algo existe ou não. Se você pensa que você é pobre, você age como se fosse pobre. Se você pensa que há algo como uma nação holandesa, você agirá como se houvesse uma.

Há uma parte do ativismo e da Academia que pensa que só coisas reais importam. Mas nós temos décadas de pesquisa que mostram, por exemplo, que



pobreza relativa é muito mais importante para o comportamento político do que a carência absoluta.

L. SPONHOLZ: *Como nós estamos falando agora sobre conceitos, você poderia falar um pouco sobre como você vê a interação entre a ultradireita e o mainstream? O que você entende como mainstream? O que você entende como normalização?*

C. MUDDE: Para mim, *mainstream* é um processo empírico que significa que nós declaramos alguns partidos como *mainstream* político. Quando a ultradireita se assemelha mais a estes partidos em termos de retórica e políticas, eles se tornam *mainstream*.

Mainstreaming pode acontecer por meio de três processos diferentes: a) por meio da radicalização do *mainstream*; b) por meio da moderação da direita radical; ou c) por meio de ambos “encontrando-se no meio”. Empiricamente, *mainstreaming* não significa necessariamente que a política se moveu para a direita, mas, na prática, é isso que acontece. Nós sabemos, a partir de pesquisas, que *mainstreaming* é sobretudo uma consequência da radicalização do *mainstream*. De fato, há alguns partidos de direita radical que nos últimos anos se radicalizaram mais ao invés de se tornarem mais moderados. Isso depende da questão. Na questão da integração europeia, tem havido uma certa moderação, muito poucos partidos de direita radical ainda querem deixar a União Europeia. Em termos de outros elementos, na questão de segurança, privacidade, esse tipo de coisa, o autoritarismo, eu diria, tem crescido.

Normalização não é empírico, é normativo. É sobre como você trata a direita radical nas suas posições. Assim, eu vejo a normalização de questões da direita radical no sentido de que muitas destas posições têm se tornado senso comum e assim elas não são mais vistas como ideológicas. O argumento de que o multiculturalismo falhou, que imigração é um problema, essas são posições que agora são senso comum e claro que senso comum é muito mais um termo para hegemonia. Mas tira o elemento ideológico delas. Basta dizer: “Olha, isso basta. Isso não é partidário, não é ideológico, é só bom senso”.

A outra coisa é que nós falamos sobre posições de ultradireita e os atores de ultradireita são cada vez mais atores políticos normais na maior parte dos países. Como se eles não fossem de modo algum diferentes moralmente do que os outros atores políticos. Normalização, portanto, é um aspecto normativo e é muito importante.



Normalização é crucial para que a ultradireita atraia um certo tipo de apoio, o daqueles que têm algo a perder.

Nos anos 1980, 1990, muitos partidos da ultradireita tiveram muita dificuldade para garantir pessoal qualificado, para conseguir apoio dentro da mídia, do *establishment* cultural, do *establishment* econômico.

Quando Trump foi eleito, a *Wall Street* disparou. O *Wall Street Journal* apoiou Bolsonaro. Isso é normalização. Então há uma diferença. Normalização é normativo e é particularmente importante no campo acadêmico. Nós não só temos cada vez mais acadêmicos da ultradireita ou que autorizam a ultradireita, como nós também temos uma série de posições se tornando normais. Nós temos acadêmicos que chamam partidos como os Democratas Suecos ou os Irmãos de Itália de “conservadores”, o que é uma normalização. Isso é uma consequência da normalização e uma normalização.

Ö. ÖZVATAN: *Você mencionou Erdogan e a Turquia. Você disse que a Turquia, em comparação aos outros, é menos nativista. Você poderia explicar por quê?*

C. MUDDE: Eu acho que Erdogan, ideologicamente, é sobretudo um islamista, no sentido de que o Islã como religião e como cultura é fundamental para a sua mensagem. Como o Islã é uma religião global, isso é sempre um pouco embaraçoso com relação a ambos, nacionalismo e populismo. No populismo, o povo está acima de tudo. Na religião, Deus ocupa este lugar e então há uma tensão aí. Isso não significa que você não possa usar isso. Mas o Islam, essencialmente, é sempre a força motriz da mensagem.

Claro, há um elemento anti-curdo, embora isto tenha muito mais a ver com o lugar dos curdos dentro do Estado turco do que com uma negação completa deles. Tome como exemplo os alevitas que, para ser honesto, eu ainda não entendi completamente o que são e como as pessoas os distinguem dos demais, porque sempre que eu pergunto, alguém diz: “Ah sim, eles não são diferentes, mas de alguma maneira eles estão lá, até onde eu sei”. Ele (Erdogan) não os mencionou fortemente durante a sua campanha. E, é claro, ele também tem sido um dos poucos apoiadores dos refugiados sírios. Se o nativismo é o cerne, você não pode ter isso.

Com relação ao populismo, eu penso que ele o utilizou em certas situações. Por um longo período, eu estava bastante cético sobre Erdogan e populismo. Eu li trabalhos e falei com muitos estudiosos turcos e há uma série de situações em determinados



períodos que satisfazem as definições. Mas ele liga e desliga, enquanto os populistas reais são sempre populistas. Para mim, no meu entendimento, Erdogan não é parte da ultradireita.

É importante observar que se você deixar o nativismo de fora como o cerne e você só adotar o aporte de Bobbio de esquerda e direita (qualquer coisa que aceita desigualdade como natural e a ultradireita são todos aqueles que fazem isso e não apoiam a democracia liberal), nós teremos um grupo enorme de pessoas que têm isso em comum, mas que não tem um monte de outras coisas em comum.

Eu acho importante observar que, se aquela é a categoria com a qual nós trabalhamos e nós incluímos outros (Putin, etc.), então muitas teorias da ultradireita não irão mais funcionar porque elas focam explicitamente ou predominantemente em nativismo. Eu não sou contra isso, mas é o que nós chamamos de esticamento do conceito (*conceptual stretching*).

O conceito como é, pelo menos o conceito da literatura do Norte Global que é bastante centrada na Europa Ocidental, é focado em nativismo e *backlash* cultural. Isso se aplica a qualquer ator predominantemente ativista em qualquer lugar do mundo. Mas se você muda o cerne do ator, então essas teorias não valem mais.

Eu penso que *backlash* cultural é muito amplo. Você pode argumentar que Bolsonaro também é uma questão de *backlash* cultural, pois a mudança cultural na verdade é a secularização, a igualdade de gênero, a inclusão, não no sentido étnico, mas em termos de gênero e sexualidade. Até um certo ponto, é um argumento diferente e eu penso que você deve ter consciência disto.

Ö. ÖZVATAN: *Você acha que há uma dimensão de ser líder de um país do Sul Global que possibilita que eles explorem, por exemplo, a retórica anticolonial contra aqueles que governam o mundo, o ocidente, a Europa? Como você disse, ele (Erdogan) liga e desliga, mas às vezes nós o vemos dizendo “não está mais na hora de falarem pelo meu país”.*

C. MUDDE: Anticolonialismo é interessante porque a ultradireita se posiciona tradicionalmente como *underdog*. Nos anos 1980, 1990, muitos da ultradireita não se identificavam com os fascistas de 1930, 1940, como você poderia pensar, mas com a resistência. Pense sobre as demonstrações sobre a Covid, onde as pessoas ousaram até mesmo em usar a estrela de Davi amarela. Eles veem a si mesmos como tal. Há, de fato,



um discurso anticolonialista em alguns partidos da ultradireita e a ultradireita tradicional dos anos 1950, 1960 era, na verdade, fortemente colonialista. Muito da ultradireita mais racista é anticolonial, porque colonialismo significa multirracial. Eles querem abandonar esses territórios, mas eles também querem mandar todo mundo desses territórios de volta. Há um forte discurso anticolonial no discurso antiglobalização de muitos da ultradireita, muito fortemente em Marine Le Pen e seu pai, mas também em outros.

Naturalmente, você pode usar isto no Sul Global também. Há um discurso anticolonial muito forte em Modi, o que não combina com alguns outros aspectos coloniais. Mais uma vez: eu acho que, em primeiro lugar, a ultradireita é a mesma e ao mesmo tempo diferente em qualquer lugar, assim como há um cerne. Como este cerne é expresso se difere em cada país e o sucesso de cada movimento individual tem que ser entendido mais apropriadamente dentro do contexto nacional e não no contexto global.

O contexto global leva a algumas explicações razoavelmente triviais. Quando você olha especificamente para Bolsonaro, há todo tipo de coisas específicas do contexto brasileiro naquele momento, assim como coisas aleatórias que explicam isso.

Essa é uma das minhas frustrações: nós estamos em um negócio de explicar tudo. Assim, tudo faz sentido depois, e, dessa forma, não poderia ter havido um outro desfecho do que Trump, não poderia ter havido outro desfecho do que Bolsonaro. Não haveria Bolsonaro se Lula não estivesse na prisão. Poderia não ter havido Bolsonaro se ele não tivesse sido esfaqueado. Quer dizer, há tantas razões pelas quais nós não teríamos Trump. Eles podem até usar aquele argumento voltado para Macron em questões aleatórias e tal. Nós devemos tomar cuidado para não exagerar nas explicações.

O fato é que – e isto é mais importante do que qualquer outra coisa – a política de ultradireita não costuma ser vencedora. Não é a vencedora, não é uma potencial vencedora. Isso em si é importante. Uma das coisas que a gente vê, por exemplo, em eleições presidenciais, particularmente nos dois turnos, é muito esclarecedor. No primeiro turno, você pode medir o apoio verdadeiro. Se você olhar para a França, isso está em torno de 25%. No segundo turno, o que você vê é o grupo de pessoas que não é de ultradireita, mas que acha que a ultradireita é uma boa alternativa. Este grupo era de 1% em 2002 com Jean Marie Le Pen. Agora é de cerca 10%, 15%. Isso é normalização. E lá você vê: quanto mais polarizado o discurso em um país, maior



aquele grupo. Há uma porção considerável de pessoas que votaram em Bolsonaro, mas teriam amado votar em qualquer outro candidato de direita. Mas eles só tinham uma escolha. E eles sabiam que jamais votariam no PT.

L. SPONHOLZ: *Você está dizendo que quanto maior a polarização, maior a normalização?*

C. MUDDE: Sim, e isto por causa do voto negativo (*negative voting*). Voto negativo é particularmente alto em sistemas bipartidários ou eleições presidenciais. Nós sempre nos voltamos para o vencedor, mas há muito (a falar) sobre o perdedor. Quase todos os brasileiros com quem eu falei que votaram em Bolsonaro votaram contra o PT.

L. SPONHOLZ: *Você falou sobre Lula e sua prisão. Eu acho que isto está ligado de alguma forma com a relação entre a ultradireita e o mainstream. Antes de Bolsonaro ser eleito, nós assistimos outras organizações estatais enfraquecendo as instituições democráticas sob a alegação de lutarem contra a corrupção. Isso também ocorreu por razões políticas, e não somente para lutar contra a corrupção: assim que Bolsonaro foi eleito, o juiz que liderou o julgamento contra o atual presidente Lula trocou seu emprego pelo cargo de ministro da Justiça de Bolsonaro. Isto não mostra que o mainstream preparou o terreno para a ultradireita?*

C. MUDDE: Há alguns estudos realmente bons sobre os anos 1930, como, por exemplo, os de Giovanni Capoccia and Daniel Ziblatt. O argumento é que nenhum fascista chegou ao poder por si próprio. Mussolini era uma figura eleitoral marginal e foi o *establishment* que pressionou o rei para lhe dar poder. De maneira semelhante, a NSDAP tinha um terço dos votos no seu melhor momento. Como eles chegaram ao poder? Os poderes conservadores os subestimaram e pensaram: “como eles são os mais populares, vamos fazer uma coalizão com eles e então dominá-los”.

Eu penso que isso diz muito sobre Bolsonaro. Quer dizer, o *establishment* acreditava que poderia controlar Bolsonaro. Vamos falar a verdade, Bolsonaro era uma espécie de palhaço antes de se tornar presidente. Ele era um tipo às margens que nós chamamos de políticos de segunda linha (*backbencher*), de certa forma um ostracizado (*outcast*), um pouco como um constrangimento para a direita, com a sua defesa aberta da ditadura, mas outros candidatos de direita simplesmente não eram populares.



Assim, a direita do *establishment* se livrou de Lula e de Rousseff e depois pulou no vagão de Bolsonaro, porque este provavelmente era o caminho mais provável de chegar ao poder. A ideia era “bom, quando nós estivermos no poder, ele não sabe muita coisa, então ele fará o que nós fizemos”, mas isso não deu muito certo.

Nós sabemos que os neoliberais de certa forma o deixaram. E, é claro, a moral e tudo. É a velha história. Você vê isso seja por meio de coalizões ou por meio da adoção do programa deles. Este é o motivo pelo qual eu digo que na maior parte dos países, a direita *mainstream* é o maior perigo para a democracia liberal, porque são eles que decidem se a ultradireita chega ao poder ou não, e o histórico é pobre, para dizer o mínimo.

Polarização desempenha o papel de justificativa. Hitler chegou ao poder porque, naquele momento, os poderes econômicos e outros olharam para a Alemanha e viram dois tipos de forças vibrantes, socialismo e fascismo. Eles consideraram que a democracia era muito fraca e pensaram que o fascismo seria o menos pior. Isto é muito sobre o que a eleição de Bolsonaro foi. Bolsonaro substituiu isso dizendo que “o socialismo é o grande demônio”. E se você não quiser socialismo, você só tem uma opção. Isto é o que Kast também faz, o que DiSantos faz, o que Trump faz.

L. SPONHOLZ: *Vamos falar sobre a situação brasileira atual. Lula tem enfrentado algumas derrotas no seu primeiro ano de governo. Uma delas foi com relação a um projeto de lei para a regulação de conteúdos em plataformas digitais, que tem tido um papel central na mobilização da ultradireita no Brasil. Elas assumiram até mesmo um papel ativo como ator político. Antes do Parlamento decidir sobre esta lei, elas realmente fizeram campanha contra. Que recomendações você teria para uma democracia frágil como a nossa?*

C. MUDDE: Eu acho este tipo de questão muito difícil. Não tenho muitas recomendações para os países que eu conheço muito bem. Para mim, o sistema eleitoral, o sistema midiático são amplificadores do problema. Eles não são o problema. Se a sua sociedade é harmoniosa, não importa que você tenha um sistema de mídias sociais completamente aberto. O que as pessoas fazem nas mídias sociais é explorar divisões já existentes, elas não criam essas divisões. É importante dizer que o problema da democracia no Brasil não é as mídias sociais. É que as mídias sociais tornam o problema maior.



Para mim, o que é crucial é quando você fala sobre como combater o fascismo ou a direita radical é que eles nunca devem ser o cerne. O cerne deve ser sempre defender e fortalecer a democracia liberal. E eu digo isso porque muitas das respostas antifascistas são autoritárias. Nós sabemos, a partir de décadas de pesquisa, que seja o que for que é implementado para combater a direita, volta como um bumerangue contra a esquerda duas vezes mais forte, sem considerar que não fortalece a democracia liberal, muitas das vezes até a enfraquece. É assim que, no final, isso é usado mais contra a esquerda do que contra a direita.

Eu tenho uma posição muito ambivalente nesta questão toda de mídias sociais. Eu sou um defensor absoluto da liberdade de expressão. Eu acho que o Estado não deve limitar a expressão, embora eu não seja cego sobre os estudos que mostram que o mundo se tornou um lugar melhor com Trump fora das mídias sociais.

Para mim, as mídias sociais não são a questão central. A mídia tradicional é, de longe, muito mais importante. Elas são reguladas de maneira diferente. A mensagem chave é, na verdade, sempre focar em fortalecer a democracia, e não em enfraquecer a ultradireita. Pense sobre o que um programa positivo pode oferecer aos eleitores.

Isso é difícil porque Lula chegou ao poder fazendo uma aliança com um grupo bem de direita. E, é claro, a direita bolsonarista foi fortalecida no Congresso e a nível subnacional. Assim, há muitos casos de veto que ele não controla da mesma maneira de quando ele teve poder antes. Isso deixando de fora o resto do mundo, que não está muito favorável para a esquerda e para redistribuição econômica, etc. Eu penso que é importante que o campo de Lula, o campo da democracia liberal, nunca esqueça e enfatize o cerne da vitória, que é a defesa da democracia liberal.

Ö. ÖZVATAN: *Muito obrigado!*

L. SPONHOLZ: *Muito obrigada pelo seu tempo, Cas.*

C. MUDDE: Obrigado.



Referências Bibliográficas

- BOBBIO, Norberto. **Left and right**: The significance of a political distinction. University of Chicago Press, 1996.
- CAPOCCIA, Giovanni. **Defending democracy**: Reactions to extremism in interwar Europe. JHU Press, 2005.
- FILC, Dani. **The political right in Israel**: Different faces of Jewish populism. Routledge, 2009.
- MONDON, Aurelien. Epistemologies of ignorance in far right studies: the invisibilisation of racism and whiteness in times of populist hype. **Acta Politica**, v. 58, n. 4, p. 876-894, 2023.
- MONDON, Aurelien; WINTER, Aaron. **Reactionary democracy**: How racism and the populist far right became mainstream. Verso Books, 2020.
- MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe**. Cambridge University Press, 2007.
- MUDDE, Cas. **The far right today**. John Wiley & Sons, 2019.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Exclusionary vs. inclusionary populism: Comparing contemporary Europe and Latin America. **Government and opposition**, v. 48, n. 2, p. 147-174, 2013.
- ZIBLATT, Daniel. **Reluctant democrats**. See Loxton & Mainwaring, v. 2018, p. 314-35, 2018.



Esta é uma ENTREVISTA publicada em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.